

TRIUNFO JUSTO

SOBRE UM "LEADER" INFELIZ

Jogo no campo Manuel Soares Barreto, em Sintra.
Arbitro: João Calado, de Santarém.

Alinharam:
SINTRENSE — Gomes; Pardal «capitão», Vitor, Trindade e Girão; Pessegueiro e Marques; Rocha, Soto, Sérgio e Dias.

BARREIRENSE — Libanio; Faneça, Bandeira, Lança e Patricio; Aureliano, Nogueira e Mira; Garrido, Ludovico e Azumir «capitão».

A intervalo: 1-0.
Golo de Sérgio aos 11 minutos.
Aos 16 minutos o Barreirense ficou reduzido a dez unidades por Azumir, fortemente contundido no rosto após um choque accidental com Trindade, ter abandonado o terreno, em maca, para não mais regressar.

Não foi feliz o Barreirense nesta sua deslocação a Sintra onde elevado numero de seus adeptos se deslocaram, certamente na esperança de, no final, dos noventa minu-

tos, pudérem vitoriar os jogadores do seu clube como virtuais campeões da Zona Sul. Essa esperança das gentes do Barreiro, cuja consumação se antevia naturalmente difficil, em face do valor e da força do Sintrense no seu reduto (onde ainda não perdeul), ficou praticamente destruida no breve lapso de tempo que mediou entre o 8.º e o 11.º minuto do prélio.

Na verdade, tudo ou quase tudo que de pior podia acontecer ao «leader», aconteceu de facto nesses três minutos de má memória para os barreirenses. Senão vejamos:

— aos 8 minutos, Azumir desperdiçou clamorosa oportunidade de golo, ao cabecear sobre a barra uma bola que Pardal «colocara» á sua mercê.

— dois minutos depois, o mesmo Azumir abandonou o terreno fortemente contundido no rosto, deixando a sua equipa definitivamente reduzida a dez elementos.

— no minutos immediato — golo do Sintrense, num pontapé-surpresa de Sérgio arrancado a mais de trinta metros, que levou o esférico a penetrar como um bôlide por um canto-raso da baliza de Libanio, que nada pôde fazer.

Convenhamos que foi muito revés em tão pouco tempo, para que uma equipa (mesmo um «leader») não ficasse definitivamente afectada para o resto da partida.

E' no entanto justo ressaltar que, se nos abstrairmos da dose de infortunio que envolveu os visitantes, havia sido até então a turma da casa a que melhores indicações dera. De facto, mercê dum meio-campo muito esclarecido e dum ataque alardeando velocidade e poder de desmarcação, os «amarelos» cedo fizeram pender o jogo para a baliza de Libanio. Antevia-se mesmo, que a partida ia constituir um bom espectáculo, porque a despeito da assinalada supremacia inicial dos donos da casa, o Barreirense, no seu habitual 4-3-3, ia suportando bem o assalto e, de quando em vez, ensaiava um dos seus típicos movimentos rectilíneos em direcção á dupla Ludovico-Azumir.

Depois dos três acontecimentos decisivos a que atrás estudamos tudo se transformou, e infelizmente para pior.

Num repente, o jogo tornou-se duro e confuso, escasseando os lances bem concebidos e executados com a bola sempre a girar, em beneficio dos despiqueiros, corpo po e dos pontapeiros bem ~~tem~~ nem som.

Nos ~~intervalo~~ intervalo fez com que a partida retomasse o cariz inicial. Bem pelo contrario, aumentou a frequência das interrupções de jogo, para a marcação de faltas, unico recurso ao alcance do juiz da partida para segurar os jogadores, alguns dos quais (Faneça, Aureliano e Girão, principalmente) estavam a enveredar para um tipo de entrada aos lances, a roçar pela violência.

De positivo neste 2º tempo, apenas dois pormenores. Uno, de ordem táctica, traduzindo boa visão por parte do técnico sintrense que querendo garantir a vitória frente a um Barreirense a jogar em 4-3-2 (por força da saída de Azumir), dispôs os seus jogadores em perfeito encaixe, isto é, em 2-3-4, deixando a Vitor (o homem a mais) uma tarefa semelhante á do «líbero», em-

bora muito mais elástica como se impunha dadas as circunstancias.

O outro pormenor positivo, foi a reacção que entre os 20 e os 30 minutos, os «subro-brancos» ensaiaram, que embora não tenha tido êxito, serviu para marcar o inconformismo dos «dezes» barreirenses que nesse período exibiram um poder de iniciativa atacante que se não lhes viu no resto do tempo.

Ao fim e ao cabo, o desfecho registado foi o mais justo, indistintivo em expressão numérica, já que margem mais ampla seria demasiado severa para o «team» do Barreiro.

No plano individual, destacamos em especial as actuações de Vitor e Pessegueiro nos vencedores e de Bandeira e Patricio nos vencidos, que foram os de rendimento mais constante. Um pouco mais abaixo situámos as exhibições de Rocha, Sérgio, Dias e de Mira, cujas acções pecaram, por intermitentes.

Não foi nada fácil a tarefa do juiz escalabitano João Calado, porque nem os jogadores nem os seus auxiliares a facilitaram. Estes últimos induziram-no em erro por duas ou três vezes em lances de fora de jogo mal assinalados aos jogadores locais, o que toidou um tanto o ambiente. A sua actuação não terá atingido um plano alto, mas teve como principal virtude o dominio que soube exercer sobre o clima durissimo da partida.

HENRIQUE GABRIEL